TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA ESCRAVIDÃO MODERNA EM GOIÁS

Glauber Lopes Xavier³⁴
glauber.xavier@ueg.br

A apreensão de um fenômeno que tem se recrudescido no meio rural brasileiro nas últimas décadas, as relações de trabalho análogas à de escravos, requer de partida um esforço interpretativo que se atenha a dinâmica econômica e geopolítica do rural contemporâneo. Ou seja, que se leve a cabo pesquisas cujo conceito primordial consiste no de *território*. Somente este conceito permite que se tome o fenômeno a partir de suas instâncias sociais, políticas e culturais. Ele recupera, nas análises, o tecido que se engendra na relação entre os sujeitos e o espaço, conformando *territorialidades*, as quais se instauram em processos dialéticos de (*des*) *territorialização* e, por seu turno, de (*re*) *territorialização*.³⁵ Levando a termo os conceitos fundamentais de *geopolítica* e *geoeconomia*, desenvolvidos por uma série de pensadores, mas que retomam os constructos teóricos do historiador francês Fernand Braudel³⁶ e do sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein³⁷, importa posicionar o trabalho escravo contemporâneo à luz da intrincada, complexa e contraditória relação rural-urbano na alta modernidade.

Neste particular, dos pensadores mencionados, é basilar que se ocupe dos conceitos de *economia-mundo* e de *sistema-mundo*, os quais fornecem substância à empresa de compreensão de um mundo globalizado. Perfilaram, até aqui, seis conceitos, os quais, cada qual a seu modo, irá subsidiar o esforço de se elucidar um fenômeno que tem causado toda sorte de incompreensões e resultado em equívocos teóricos nas mais variadas áreas do conhecimento, sobremaneira na história, na sociologia e na própria economia. Na primeira, a história, por sua tomada no fatural, pela pura datação, mais pelo seu fim do que por sua realização, anquilosando portanto o sentido processual dos fenômenos. Neste particular, é extremamente válido registrar as críticas de Henri Lefebvre ao marxismo ortodoxo. Na segunda, a sociologia, pela velha dicotomia moderno-atrasado de que muitos intérpretes têm dificuldades de seu abandono e finalmente na economia pela crise epistemológica desta ciência, a qual quanto mais se aproxima dos números mais se afasta das pessoas, perdendo seus aspectos sociais, seu *leitmotiv*, sua razão de ser.

É fundamental esta breve exposição a fim de evidenciar que o conhecimento parcelado, especializado, ao contrário do projeto de elucidar o real, se distancia de sua compreensão, afirmando-se imperioso no reino das

³⁴ Docente de Ensino Superior III – Nível I da Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

³⁵ **Esta tríade conceitual foi cunhada e sistematizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo os filósofos, “A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir. Resta que a desterritorialização absoluta só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais.” Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.**

³⁶ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII: o tempo do mundo*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

³⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *El Capitalismo Histórico*. Madrid, Siglo XXI, 1988.

sombras. É premente reuni-los num projeto efetivamente totalizante. Assim, e somente assim, fenômenos tão complexos como o trabalho escravo contemporâneo poderão ser minimamente apreendidos, o que nos move por ora. Partiremos dos aspectos geopolíticos e geoeconômicos na tessitura de reflexões no campo das economias-mundo e do sistema-mundo. Numa economia global, países em vias de desenvolvimento, como o Brasil, a Índia, o México, dentre outros, tem se apresentado como alvos privilegiados de um capital que se internacionalizou a partir de processos de fusões e aquisições levando ao fortalecimento do capital monopolista. Nas últimas décadas, precisamente a partir dos anos 1970, foi gestada uma nova dinâmica territorial de acumulação de capital, cujo resultado o geógrafo britânico David Harvey³⁸ denominou como acumulação por espoliação, ou seja, uma nova lógica imperialista, cuja estratégia por excelência não reside mais na centralidade dos Estados-nações, como o imperialismo da primeira metade do século passado, mas na ofensiva das grandes corporações.

Enquanto o velho imperialismo, exaustivamente sistematizado por dois grandes marxistas, Lênin³⁹ e Rosa Luxemburgo⁴⁰, firmava-se no poderio dos estados-nações e suas companhias empresariais, como foi o caso do emblemático imperialismo inglês e sua ofensiva sobre o território indiano, o novo imperialismo, aliás, é este o título de uma importante obra de Harvey, é movido pelas diretrizes de um seleto grupo de empresas internacionalizadas ou mesmo transnacionalizadas, as quais se valem, além da força de trabalho e dos recursos naturais em abundância, de uma série de incentivos econômicos concedidos pelos países onde são fincadas suas unidades. Ademais disto, estas empresas possuem relação direta com o capital financeiro internacional, negociam suas ações, fazem parte de um mercado de especulações profundamente deletério às populações dos países que compõem a periferia do sistema-mundo.

³⁸ HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

³⁹ LENIN, V. L. (1966). *O Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo*. In: Obras Escogidas. Moscou: Editorial Progresso.

⁴⁰ Rosa Luxemburgo. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.